

O imaginário paranaense: imagens no rádio¹

Rafaeli Francini LUNKES CARVALHO²

Hertz Wendel de CAMARGO³

Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR

Universidade Estadual do Centro-Oeste(Unicentro), Guarapuava, PR

RESUMO

No Paraná, a rede de emissoras radiofônicas Rádio T, com o programa Bolicho da T, aposta no humor regional, com o apresentador-personagem Juca Bala. Esta pesquisa tem o objetivo desenvolver um estudo sobre o imaginário no rádio, a partir do apresentador-personagem Juca Bala, observar os elementos, principalmente os regionais, que ele emprega que possibilitam que o público crie imagens no rádio. A metodologia aplicada é a pesquisa qualitativa de natureza documental (mostragem de parte de um programa gravado), para análise contaremos com o apoio da Semântica Argumentativa. O personagem Juca Bala emprega expressões regionais, buscando a conexão com o ouvinte.

PALAVRAS-CHAVE: imaginário; Paraná; rádio; Juca bala.

INTRODUÇÃO

O imaginário surge de modo crescente na pesquisa brasileira, em todas as áreas do conhecimento, incluindo a Comunicação. Nessa pesquisa buscamos entender o imaginário, ressalta-se, contudo, que os fios que participam da construção dos imaginários são bastante vastos e que, para este trabalho, focamos no discurso regional de humor, por meio do humorista do Paraná, Juca Bala.

A rede de emissoras radiofônicas Rádio T, é uma rede paranaense de estações de rádio. O programa Bolicho da T, é comandado pelo apresentador-personagem Juca Bala. O personagem de rádio Juca Bala, foi criado em 2008, pelo radialista Anderson Jorge

¹ Trabalho apresentado na DT 4 – Comunicação Audiovisual do 22º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 08 a 10 de junho de 2023.

² Doutoranda em Comunicação UFPR e professora na Universidade Estadual do Centro-Oeste(Unicentro). E-mail: rafaelilunkes@yahoo.com.br.

³ Professor do curso de Comunicação da Universidade Federal do Paraná (UFPR), professor permanente do Programa de Pós- graduação em Comunicação da UFPR. E-mail: hertzwendel@gmail.com.

Magatão, e ganhou popularidade em todo o Estado explorando um humor tipicamente paranaense.

Ao desenvolver essa pesquisa levo em consideração as seguintes problemáticas: Como apresentador-personagem Juca Bala cria imagens no rádio? Qual a contribuição do humorista no processo de construção do imaginário?

O objetivo geral desta pesquisa é desenvolver um estudo sobre o imaginário no rádio, a partir do apresentador-personagem Juca Bala, observar os elementos, principalmente os regionais, que ele emprega que possibilitam que o público crie imagens na rádio. Apresentar os mecanismos do humor a partir da mídia: rádio. Verificar a contribuição do humorista no processo de construção do imaginário.

METODOLOGIA

A metodologia aplicada é a pesquisa qualitativa de natureza documental. Vai ser utilizado mostragem de um programa. O programa do Bolicho da T é transmitido de segunda-feira a sexta-feira das 18h00 às 19h00, pela Rádio T e é um dos maiores programas de audiência da emissora.

Como estamos tratando de um objeto de estudo (Juca Bala) que se torna sujeito por meio do texto da narrativa de humor, para analisar os programas de rádio, contaremos com uma parte da Linguística que contribuiu para os estudos do texto, a Semântica Argumentativa. Dentre os diversos recursos argumentativos, os dêiticos (os diferentes tipos de pronomes) indicam o sujeito da enunciação. Segundo Fiorin (1996, p.15), para entender o processo de discursivização, é necessário compreender os mecanismo que definem sujeito, tempo e espaço no discurso.

Expressões ou palavras pré-fabricadas, fixas, cristalizadas que, no geral, não são literais e não se encontram isoladas, mas em contexto com a cultura, formando uma dêixis idiomática, contribuindo não apenas com a coesão e articulação textuais, mas também substituindo explicações ou demarcando lugares sociais, tempos e elementos atitudinais dos interlocutores.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O ponto de vista antropológico de Gilbert Durand (1988), nos possibilita compreender o imaginário associado ao mito, estabelecendo o primeiro substrato da vida

mental de um indivíduo, até que se insira um trajeto antropológico mais amplo, o que faz do imaginário um universo de representações.

Já Carl Jung, criou o conceito de arquétipo junto ao de imaginário, conduzindo o entendimento de imagens primordiais do inconsciente coletivo, conectando o imaginário e esquemas puramente subjetivos a processos racionais e imagens concretas do entendimento humano em coletividade. (JOACHIM et al., 2011).

Segundo Gaston Bachelard o conhecimento do imaginário é como uma estrutura fundamental na qual se formam todos os processamentos do pensamento humano. O teórico caracteriza que a concretização do imaginário se dá quando se pensa, sonha ou vive a matéria. Conforme Bachelard (1998, p.126): “O imaginário não encontra suas raízes profundas e nutritivas nas imagens; a princípio, ele tem necessidade de uma presença mais próxima, mais envolvente, mais material”.

Os arquétipos e os mitos são elementos essenciais para compreender o que é o imaginário. O mito, no que lhe diz respeito, torna-se a primeira operacionalização do arquétipo, sob a forma de história, de narrativa; uma manifestação sobre elementos do mundo social e/ou do mundo cultural. O mito desse modo, uma narrativa criada em cima de um arquétipo.

O *trickster* é um arquétipo mitológico, identificado em diversas culturas, que aparece como um mediador, para resolver oposições. Considerando-se que as atividades humanas acham pontos de contradições, a função primordial do mito, segundo Lévi-Strauss, seria a de buscar superá-las (LÉVI-STRAUSS, 2012). O *trickster* é agente da desorganização da ordem estabelecida e, desta forma, gerador de movimento na cultura.

A mensagem radiofônica é uma criação simbólica intermediada por um meio de comunicação que deve atingir o ouvinte, sugerindo imagens sonoras ao ouvinte, distante do lugar de produção. Schaeffer (1970) associa essas imagens proposta pelo rádio à sensação de percebemos o mar ao botarmos o ouvido perto de uma concha.

O homem acabou fabricando conchas cada vez mais reveladoras. A era do maquinismo alardeado pelos espiritualistas é, exatamente, a era quando a sensibilidade humana se apresentava da forma mais exacerbada. Não se trata apenas de máquinas de produzir, mas máquinas de sentir, que dão ao homem moderno tato, ouvidos e olhos incansáveis. Máquinas, portanto, das quais se pode esperar que permitam ao homem ver, escutar e tocar aquilo que jamais seus olhos puderam lhe mostrar, o que seus ouvidos não puderam fazê-lo escutar ou a tocar aquilo que jamais suas mãos poderiam fazê-lo tocar. (SCHAEFFER, 1970, p.92)

Desse modo como a concha do mar que nos sugere o oceano quando a levamos aos ouvidos, observamos que no rádio sugere ao ouvinte imagens multisensoriais, a partir do som.

ANÁLISE

Parte de um programa *Bolicho* da T, de maio de 2020, publicado no Youtube.
Apresentação Juca Bala e Waltinho:

WALTINHO — Oh sexta-feira, rapaz do céu, eu falei para você, Juca, que ia esfriar, ia chover.

JUCA— Mingou minha pescaria amanhã, rapaz do céu, nós estamos pronto com o Vinicius, não o Secon para nós ir pescar.

WALTINHO — Quando começa a me dar aquelas dor nos nervos, nessas partes e sor se esconde de atrás de um pinhelao que tem lá em casa pode saber que lá vem frio Juca , lá vem chuva.

JUCA— Frio não é tanto problema é solução, tamo precisando.

WALTINHO — Tem gente que gosta de clima assim, Juca, com frio e chuva.

JUCA— Então, porque não andam só de carçanzinho e brusinha.

WALTINHO — O Jauri era uma pessoa que gostava de clima assim.

JUCA—Mas, claro, ele tinha uma coberta acoplada, uma capa de gordura, eu lembro que ele falava que quando o tempo estava desse jeito, eu viro num tatu faqueado.

Vemos várias expressões regionais como: rapaz do céu, uma forma comum das pessoas do interior se referirem a outra era usando interjeições também religiosas, como também “gente do céu”, “criatura de Deus”. Também expressões regionais como: mingou, sor, pinhelao, carçanzinho, brusinha. Tatu faqueado quando o tatu se assusta(no caso dele ver a faca), ele pula verticalmente para cima, e uma gíria que aparece em algumas músicas gaúchas, ou seja, ele pula de alegria. As palavras aquelas dor, supressão do plural e um falar regional. Quando o Juca fala problema, é uma palavra que cria comicidade, indica um falar caipira regional. Na composição do personagem Juca Bala, é existente a linguagem do caipira. O tom de voz do Juca= agudo, falar rápido, indicativo de pessoas simples do campo. Quando os apresentadores falam do Jauri (apresentador do Bolicho até 2017, já falecido), temos um apelo para a memória afetiva do público que já conhecia o apresentador anterior. O jeito de falar de entes queridos e como eles eram é uma característica cultural. A memória.

Para Hyde (2017, p. 19). A função da figura do *trickster* “[...]é expor e desorganizar as próprias coisas nas quais as culturas se baseiam”. O Juca Bala durante o programa do Bolicho da T, promove a desordem, para que tudo se reorganize. Promove o movimento, a circulação.

CONCLUSÃO

O personagem Juca Bala desenvolve uma narrativa no programa do Bolicho da T, por meio da rádio que é fonte e produto do imaginário. Uma narrativa midiática fortalece o imaginário do mesmo modo em que é fortalecida por ele. A sociedade/cultura e o imaginário se retroalimentam. Visto que o pensamento em vigor de certo período em uma definida sociedade tem sua premissa no mito – mesma origem da narrativa –, estudar uma narrativa é estudar uma sociedade/ cultura.

O personagem Juca Bala sendo uma reatualização do arquétipo do *trickster*, ao criar para o meio rádio, o personagem, narra uma história com riqueza de detalhes, na escolha de palavras, utiliza palavras, de falas regionais, indicando a busca de conexão com o público ouvinte, que possibilita o público crie imagens. A cultura paranaense fica expressa em palavras e expressões.

REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. **A água e os sonhos**: ensaio sobre a imaginação da matéria. (Trad.de Antônio de P.Danesi). São Paulo: Martins Fontes, 1998. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/36379499/BACHELARD-Gaston-A-Agua-e-os-sonhos#download>>. Acesso: janeiro de 2023.

DURAND, Gilbert. **A imaginação simbólica**. Trad. Eliane Fittipaldi Pereira. São Paulo: Cultrix, Edusp, 1988.

FIORIN, José Luiz.(1996).**As astúcias da enunciação**: as categorias de pessoa, espaço e tempo. São Paulo: Ática.

JOACHIM, Sébastien et al. **Saber do imaginário e saber do mito**. In: _____. *Hermenêutica do imaginário*. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2011.

HYDE, Lewis. **A astúcia cria o mundo**. Trickster: trapaça, mito e arte. Trad.: Francisco R. S. Innocêncio. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia Estrutural**. 1a ed. São Paulo: Cosac Naifa, 2012.

SCHAEFFER, Pierre. **Machines à communiquer I**. Genèse des simulacres. Paris: Seuil, 1970.